

Além da sobrevivência: raça e representatividade em *Pânico 5*.¹

Cássia Ferreira Andrade²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj

Resumo

O presente artigo pretende analisar a representação feminina negra em filmes de horror, em especial no filme “*Pânico 5*”. A partir de pesquisa bibliográfica, amparados pelo conceito da *final girl* instituído por Carol Clover, pretendemos entender como as mulheres negras são representadas no cinema de terror, de maneira especial no subgênero *slasher*, que se consolida décadas de 1970/1980. Embora tenhamos observado um movimento na indústria cinematográfica com o objetivo de garantir mais protagonismo das mulheres negras, não é possível afirmar que a franquia criada por Wes Craven esteja acompanhando essa tendência uma vez que, em seis histórias realizadas desde a década de 1990, apenas a partir do quinto filme realizado em 2022 uma mulher negra sobreviveu.

Palavras-chave: cinema; representação; raça; audiovisual; *slasher*.

1 - Introdução

Em 2026 a franquia *Pânico* completará 30 anos. Na data, está previsto o lançamento do sétimo filme da franquia que revitalizou o gênero de horror nos anos 1990 apresentando sangue, sustos e uma abordagem satírica desse tipo de filme. Considerada uma das mais bem sucedidas do gênero, já arrecadou mais de US\$ 500 milhões de dólares em bilheteria. Os filmes revigoraram o gênero ao exibir elementos de metalinguagem e apresentaram Sidney Prescott (Neve Campbell) considerada uma das *final girls* mais icônicas do gênero. O presente artigo pretende discutir de que maneira o cinema de horror, em especial o gênero *slasher*, realiza a representação da mulher negra a partir da personagem Mindy Meeks-Martin (Jasmin Savoy Brown) a primeira a sobreviver em um filme da franquia.

Para tanto, precisamos definir o conceito *final girl*, apresentado por Carol Glover (1992). Ela é a sobrevivente, a que venceu os obstáculos, lidou com os amigos mortos, mas ainda encontrou forças para encarar o assassino de forma ativa. Mas não apenas isso, o seu caráter de protagonismo é observado desde os minutos iniciais da trama. Além disso, os conceitos de cultura e representação sob a perspectiva de Stuart Hall (2016)

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Uerj (PPGCOM/Uerj) - cassia.ferreira.andrade@gmail.com

também servirão como base para nossa reflexão. Hall (2016) nos ajuda a pensar o conceito de identidade, compreendido como característica alheia à vontade do indivíduo e sim uma escolha consciente resultado da posição e do contexto nos quais está inserida.

Esse pensamento tem reflexo direto nas produções e nas representações visuais e cinematográficas, objetos de estudo deste artigo. A resposta vem com exemplos de movimentos sociais (feminista, anti-colonialista, anti-racista), orientados pela busca de “histórias ocultas” e que “dão testemunho do contínuo poder de criação dessa concepção de identidade no âmbito das práticas emergentes de representação.” (Hall, 2016, p. 69)

Os aspectos técnicos das produções serão levados em consideração, uma vez que a análise fílmica tem diversas finalidades. Por isso, é importante definir qual será o contexto e o produto para o enquadramento da análise. Esse tipo de trabalho passa por uma série de obstáculos, já que, ao contrário da literária, “a análise fílmica só consegue transpor, transcodificar o que pertence ao visual (descrição dos objetos filmados, cores, movimentos, luz, etc), do fílmico (montagem das imagens), do sonoro (música, ruídos, grãos, tons, tonalidades de voz) e do audiovisual (relação entre imagens e sons)” (Vanoye, & Goliot – Leté, 1994, p. 10).

Esse processo leva em consideração o contexto histórico e a identificação das correntes e tendências nas quais a película está inserida. “O cinema de Hollywood é, antes de mais nada, a expressão autônoma dos artistas que o criam e o reflexo de uma cultura cujo poder impregna necessariamente todas as formas de arte do país”. (Paraire, p. 12)

No entanto, embora a análise da produção cinematográfica seja parte primordial do trabalho, também levaremos em consideração a abordagem interdisciplinar proposta por Kellner (2001) que “implica a ultrapassagem de fronteiras entre as disciplinas na ida do texto ao contexto, portanto dos textos à cultura e à sociedade” (p.43)

Como hipótese, acredita-se que no século XXI, é possível observar que o existe um empenho da indústria cinematográfica na tentativa de desfazer distorções na representação de minorias sub-representadas. No entanto, na franquia Pânico a presença de personagens negros, em especial de mulheres negras ainda é pequena. De toda forma, o longa de 2022 dá indícios de que uma mudança de chave vem sendo operada em busca de suavizar essas distorções como veremos a seguir.

2 – Negros x Horror

O subgênero do horror *slasher* apresenta algumas características específicas conforme Clover (1992). Grosso modo, pode ser caracterizado pela história de um psicopata, que faz uma sequência de vítimas até ser parado pela *final girl*. A autora apresenta uma série de filmes e destaca as características de cada uma das *final girls* apresentadas, além da força e da coragem, elas têm uma outra característica em comum: são brancas.

De acordo com Clover (1992) o filme *Psicose* (1960) pode ser considerado um marco para esse tipo de narrativa. No longa de Alfred Hitchcock os elementos do gênero são apresentados e nas décadas seguintes incorporados e modificados. A autora destaca como marco para esse tipo de narrativa e novos tipos de protagonistas O Massacre da Serra Elétrica (1974), *Halloween - A noite do Terror* (1978), entre outros.

A reflexão promovida pela autora chama a atenção para aspectos interessantes como o fato dos vilões desse tipo de narrativa serem, em sua grande parte, homens. Conforme Chrystensen (2019) Clover

está especialmente interessada em como os assassinos dos filmes de terror projetam uma frente hiper masculina para compensar sua própria "angústia de gênero" e seu medo de serem reduzidos e expostos como "homens femininos". Ou seja, o típico *slasher killer* investe com tanto fervor em uma imagem de masculinidade violenta e "fúria psicosssexual", pois eles percebem que a sua "masculinidade é severamente qualificada". (Chrystensen, 2019, p.25 tradução nossa)

A década de 1970 apresentou uma nova perspectiva da representação feminina no cinema de horror. De acordo com Coleman (2019) o período também pode ser considerado de revisionismo na produção de filmes realizados e destinados a agradar a população negra.

Realmente, ao longo da década, o "terror negro" prosperaria, com os negros adentrando o gênero como vilões monstruosos, anti-heróis e assassino de monstros. As mulheres negras apareceram predominantemente como protagonistas fortes e resilientes. (Coleman, 2019, p. 206)

Aqui é importante destacar as categorias que Coleman (2019) introduz e que vão nos ajudar a analisar esse tipo de narrativa e compreender a reflexão proposta no presente trabalho: os filmes de terror "com negros" e os "filmes negros" de terror. Em relação ao primeiro, a autora esclarece que eles lidam com a população negra e a negritude sem, necessariamente, abordar essas questões. São frutos dos grandes estúdios e seu histórico é responsável pela consolidação da imagem do negro representada. De uma maneira geral, esses filmes não são produzidos por pessoas negras.

Esses filmes contribuíram de maneira significativa para as discussões e debates em relação não apenas à negritude, mas também à sua proximidade com interpretações acerca do que é aterrorizante e onde ela é incorporada. Esses são

filmes que frequentemente “codificam o monstro como um outro racial associado a uma religião selvagem. (Coleman, 2019, p.44)

Embora possuam elementos comuns dos filmes de terror como “perturbação, medo e monstruosidade”, os “filmes negros de terror” carregam em si a perspectiva racial, com a narrativa focada na questão de identidade racial e na cultura, na ideologia, na história, política, humor, linguagens, estilo, música entre outros aspectos.

Dessa maneira podemos compreender que:

O filme negro trata sobre a experiência e as tradições culturais negras - um meio cultural e histórico negro girando e impactando as vidas negras nos Estados Unidos. Embora seja difícil definir um filme negro, isso não quer dizer que ele não exista, apenas que é algo dinâmico de onde novas estéticas e limites surgem. (Coleman, 2019, p.46)

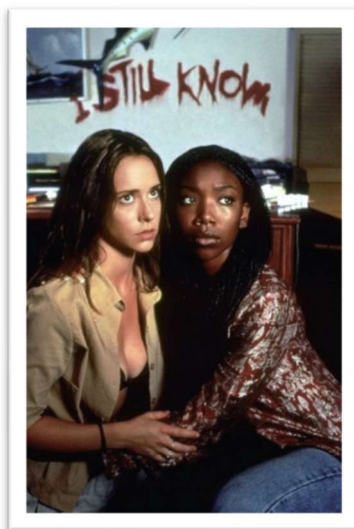
Antes de nos aprofundarmos em *Pânico 5*, é importante contextualizar a história da representação da mulher negra no gênero *slasher*. Por muito tempo, essas mulheres foram relegadas a papéis secundários, frequentemente estereotipadas como as "amigas da protagonista" que morrem primeiro. Coleman (2023) as batizou de *sidekick who survives* (S.W.S - as ajudantes que sobrevivem). Além disso, a sexualização excessiva e a violência gratuita direcionada a esses personagens eram comuns, reforçando noções racistas e misóginas.

Outro conceito que nos ajudou a analisar o objeto de nosso estudo é o de “voz” apresentado pelos pesquisadores Shohat, Stam (2006). Para eles, no atual momento da indústria audiovisual a avaliação quantitativa é insuficiente. “Desse modo, toda a questão é alçada a um plano socioideológico e não individual e moralista” (p.311). Esse conceito apresenta aproximações fortes com a interseccionalidade, uma vez que o que os autores chamam de voz é “personalizado, tem o acento e a entonação do autor, e constitui uma interação específica de discursos (individuais e coletivos) (p. 311).

O filme comercial ou televisivo no qual um em cada oito rostos é negro, por exemplo, tem mais a ver com questões demográficas apontadas pelas pesquisas de mercado e a consciência pesada do liberalismo do que com uma polifonia real, pois nesses casos a voz negra é arrancada do seu contexto e esvaziada de cor e entonação. A polifonia não consiste no mero aparecimento de um representante de um grupo, mas na criação de um arranjo textual onde a voz daquele grupo pode ser ouvida com força e ressonância. A questão não se resume ao pluralismo, mas ao conjunto múltiplo de vozes, em uma abordagem que procura cultivar e frisar as diferenças culturais enquanto suprime as desigualdades sociais. (Shohat, Stam, 2006, p. 312)

Neste contexto, para não sermos injustos, cabe aqui destacar a melhor amiga da protagonista Julie James (Jennifer Love-Hewitt) de “Eu ainda sei o que vocês fizeram no verão passado” (1998), Karla Wilson (Brandy Norwood), que também sobrevive e incorpora como ninguém a S.W.S descrita por Coleman (2023).

Figura 1: Julie James (Jennifer Love-Hewitt) e Karla Wilson (Brandy Norwood).

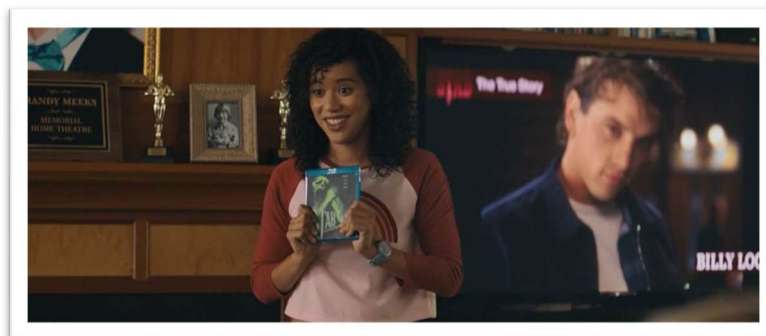


Fonte: IMDB, 2025.

Vamos dar um salto na história do cinema de horror e vamos até 2022, quando o quinto filme da franquia Pânico é lançado. A tentativa de assassinato de Tara Carpenter (Jenna Ortega) pelo Gosthface traz de volta a Woodsboro sua irmã mais velha (Melissa Barrera), que carrega o segredo de ser filha de Billy Loomis (Skeet Ulrich) o assassino do primeiro filme Pânico. De início - considerando a leitura estadunidense – já é possível observar a racialização do longa, com a transição do protagonismo para duas mulheres latinas. Tara tem um grupo de amigos composto por um homem branco, duas mulheres brancas, um homem negro e uma mulher negra e lésbica, os gêmeos Meeks-Martin, sobrinhos de Randy Meeks (Jamie Kennedy) personagem dos dois primeiros filmes da franquia.

No longa, os gêmeos negros demoram 13 minutos para aparecerem na tela. A irmã Mindy Meeks-Martin aparece em uma cena com diálogo a partir do minuto 14:40 e a intervenção da personagem é curta e dura poucos segundos. A partir da quinta cena com a presença de Mindy temos pistas de onde Pânico 5 se enquadra no gênero, já que cabe a ela explicar o conceito de “sequência-legado”, subgênero no qual se enquadraria a narrativa na qual estão inseridos. Ela revela que neste tipo de narrativa leva-se em consideração o fato de que os personagens novos precisam estar de alguma maneira vinculados aos antigos. A vinculação de Mindy e do irmão Chad, é o tio Randy que sobreviveu por dois filmes. E é ela que é a guardiã das informações que são necessárias para a sobrevivência nos filmes de horror.

Figura 2: Na cena Mindy Meeks-Martin (Jasmin Savoy Brown) explica o que é uma sequência legado.



Fonte: IMDB, 2025.

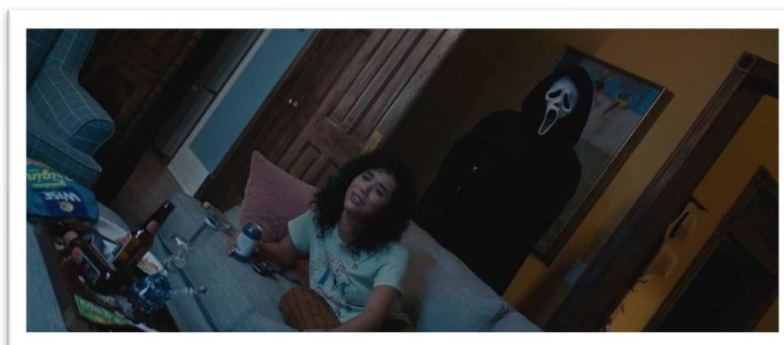
Para a nossa análise, decupamos o longa e contamos 11 cenas que Mindy - objeto da nossa pesquisa - tem falas. Algumas - como a citada no parágrafo acima - chegam a durar três minutos. No entanto, ela está frequentemente como apoio e como ponto de informação, sem estar vinculada às ações essenciais para o desdobramento do filme ou sem ser diretamente ameaçada pelo Ghostface. Quando o assassino investe contra Chad e depois em Mindy que o filme se desloca para o arco final.

Figura 3: Chad Meeks-Martin (Mason Gooding) após ter sido atacado pelo Ghostface.



Fonte: IMDB, 2025

Figura 4: Mindy Meeks-Martin vê filmagem do tio enquanto é observada pelo Ghostface,



Fonte: IMDB, 2025.

Antes do longa de 2022, o debate racial aparece no segundo filme da franquia. Em *Pânico 2*, o tema é apresentado num prólogo de 11 minutos. Nesta sequência, vemos um casal negro formado por Phill Stevens (Omar Epps) e Maureen Evans (Jada Pinkett-Smith). Os dois estão na pré-estreia de uma adaptação de livro que resulta da história de *Pânico 1*. Assim como fizemos com *Pânico 5*, optamos pela decupagem das cenas e analisamos critérios como tempo de tela e diálogos.

Durante os 11 minutos que o casal está se preparando para a sessão cinematográfica a personagem Maureen Evans questiona o parceiro sobre o lugar das pessoas racializadas nesse tipo de narrativa: “O gênero horror é conhecido por excluir pessoas afroamericanas”, ela diz. As sequências que seguem ao diálogo nos dão muitas pistas de que ela estava certa.

Figura 5: Phill Stevens (Omar Epps) em *Pânico 2*.



Fonte: IMDB, 2025.

Figura 6: Maureen Evans é atacada pelo Ghostface em *Pânico 2*.



Fonte: IMDB, 2025.

No filme de 1997, ainda temos a personagem Haille (Elise Neal) que divide o quarto com protagonista, Sidney Prescott (Neve Campbell) e é a melhor amiga dela. Embora o filme apresente um prólogo forte sobre debate racial, tropeça no clichê ao confirmar a fala da personagem de Jada Pinkett sobre a exclusão das pessoas afro-

americanas. Cabe aqui ressaltar a lógica de espetacularização da morte dos dois personagens. A vida de Maureen termina no palco do cinema lotado e sequer é notada porque, naquele momento, parece mais uma performance que integra o lançamento do filme.

Ao longo da história, Haile permanece no lugar de melhor amiga e reforça o estereótipo comumente destinado às mulheres negras nesse tipo de narrativa. Além disso, é uma personagem que possui poucas falas e poucas interações de destaques que poderiam contrapor o discurso inicial do filme. A cena com diálogo mais relevante e maior tempo de tela culmina com a morte da personagem.

Figura 7 Haile está presa pelo Ghostface enquanto ele a esfaqueia.



Fonte: IMDB, 2025.

3 – Pânico 5: um novo rumo?

Considerando o histórico da franquia, Pânico 5 apresenta uma nova perspectiva ao apresentar um elenco mais diverso. Considerando a ideia de “sequência-legado”, observamos a transição do protagonismo branco para mulheres latinas. A personagem de Mindy Meeks-Martin, se destaca e demonstra uma inteligência, coragem e sagacidade que desafiam os estereótipos, mas não o suficiente para fazer dela uma final girl. Embora ela sobreviva, não tem um papel crucial no desfecho da história.

Neste sentido, como destaca Hall (2016) “a forma pela qual o discurso também produz sujeitos e define a posição de sujeitos, de onde o conhecimento procede, enfim, o retorno das questões sobre “o sujeito” não campo das representações” (p.110). Aqui é importante destacar que diante das escolhas de roteiro, o filme Pânico avança no sentido de discutirmos as questões raciais. O deslocamento do protagonismo para mulheres latinas e a presença mais relevante de outros grupos racializados e a presença também de uma personagem LGBTQIAPN+.

No entanto, precisamos destacar algumas questões quando pensamos a questão da representação negra e sobretudo, na distinção proposta por Coleman (2019) entre filmes de terror com negros e filmes negros de terror. No caso da franquia Pânico, em especial de Pânico 5 que é objeto dessa análise, é possível constatar que a narrativa se enquadraria nos chamados filmes de terror com negro. De certa maneira, a percepção da personagem foco da nossa reflexão aponta que sua construção pode ter a ver com o fato de a produção desse filme ser feita por pessoas brancas, além da questão racial não ser o centro do debate da narrativa apresentada por Pânico 5, estabelecendo, dessa forma, uma relação com o conceito de voz de Shohat, Stam (2006).

Apesar disso, Mindy Meeks-Martin reúne muitos predicados que fariam dela uma *final girl* convencional. Evocando Clover (1992) ao longo da narrativa Mindy provou-se “vigilante a ponto de paranoia”; observou e registrou “pequenos sinais de perigo que seus amigos ignoram”, mas acima de tudo, ela foi “inteligente e engenhosa” nos momentos mais complexos da narrativa.

4 – Considerações finais

Pânico 5 demonstra que é possível contar histórias de terror com personagens negras fortes e complexas, quebrando barreiras e desafiando os estereótipos. A personagem de Mindy Meeks-Martin representa um passo importante na direção de uma representação mais justa e equitativa no cinema. No entanto, é fundamental que a indústria continue trabalhando para garantir que essa seja a norma e não a exceção.

Apesar dos avanços observados, com Mindy reunindo todos os predicados que fariam dela uma *final girl* ideal, mesmo que ela alcance um status, ele não central na trama. Este lugar da personagem pode ser explicado pela contextualização apresentada por Coleman (2019) e a diferença entre os filmes de horror com negros e o filmes negros de horror. Nesse sentido, por mais que vejamos um realinhamento do lugar ocupado por corpos que em outros tempos poderiam ser quase invisíveis, o debate racial não é uma premissa que sustente a narrativa.

Este fato, coloca Pânico 5, de acordo com a classificação proposta pela autora, como um filme de horror com negros e mantém Mindy no mesmíssimo lugar dedicado às mulheres nas narrativas do passado: a ajudante que sobrevive.

Considerando o histórico da franquia, sobreviver rompe com determinado estigma. Por isso, é importante que a indústria cinematográfica continue investindo em histórias que valorizem a diversidade e a inclusão. Reverter o modo mulher negra no gênero *slasher* é representada, pode ser uma ferramenta poderosa na revisão dos modos de representação e na construção de um imaginário mais diverso.

3 Referências Bibliográficas

CLOVER, J. Carol. **Men, Women, and Chain : Gender In The Modern Horror Film**. Califórnia: Princiton University Press. 1992.

COLEMAN, Robin R. Means. **Horror Noire: a representação negra no cinema de horror**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019 .

COLEMAN, Robin R. Means, HARRIS, Mark. H, **The Black Guy Dies First: Black Horror Cinema from Fodder to Oscar**. New York: S&S/Saga Press, 2023.

CHRISTENSEN, Kyle. **The Final Girl versus Wes Craven's "A Nightmare on Elm Street": Proposing a Stronger Model of Feminism in Slasher Horror Cinema**. Studies in Popular Culture, Vol. 34, No. 1 (Fall 2011), pp. 23-47

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (orgs). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart; ITUASSU, Arthur (orgs). **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**, Bauru, SP, EDUSC, 2001, 454 pp.

PÂNICO 2. Direção: Wes Craven. Produção: Dimension Films, Konrad Pictures, Craven-Maddalena Films. Estados Unidos, 1997. [<https://www.primevideo.com/>] Acesso [18 de dezembro de 2024] (120 min.)

PÂNICO 5. Direção: Matt Bettinelli-Olpin, Tyler Gillett. Produção: Spyglass Media Group, Radio Silence Productions, Project X Entertainment, Outerbanks Entertainment. Estados Unidos, 2022. [<https://www.primevideo.com/>] Acesso [17 de dezembro de 2025] (114 min.)

PARAIRE, Phillipe. **O cinema Hollywoodiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1994

VANOYE, Francis & GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papirus, 1994

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.